

DO SONHO DE HERZL À REALIDADE DE OZ
FROM HERZL'S DREAM TO OZ'S REALITY

Nancy Rozenchan¹

RESUMO

Partindo do pensamento quase-utópico do visionário Theodor Herzl, pretende-se, por intermédio de algumas obras de grande destaque da literatura hebraica contemporânea, delinear como o sonho sionista se tornou realidade e expor como se apresentam as fraturas deste sonho.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura hebraica; literatura israelense; Theodor Herzl; Sionismo; Amós Oz; David Grossman; A. B. Yehoshua.

ABSTRACT

Based on the quasi-utopian thinking by visionary Theodor Herzl, exploring some prominent books from contemporary Hebrew literature, I intend to outline how the Zionist dream became reality and to expose how literature dealt with the fractures of this dream.

KEYWORDS

Hebrew literature, Israeli literature, Theodor Herzl, Zionism; Amos Oz, David Grossman, A. B. Yehoshua.

Se o Sionismo nasceu na virada do século da perseguição por demais real dos judeus, e se baseou em trabalho da terra, ele também se orgulhou de sua capacidade de evocar a realidade a partir do ar. “Se quiserem, não será uma lenda”

¹ Professora Sênior de língua e literatura hebraica do DLO da FFLCH – USP.
nrozench@usp.br

é a epígrafe de Altneuland [Nova e Velha Pátria], o romance de 1902 escrito por Theodor Herzl, cujo panfleto político de 1896, Der Judenstaat [O Estado dos Judeus], lançou o Sionismo como uma entidade política para o palco do mundo.

No conto longo de 1934, de Shmuel Yossef Agnon, “No coração dos mares”, a narrativa clássica do retorno à Terra Santa, o peregrino Hananias, separado de seus co-peregrinos que cumprem a sua dura viagem por terra e mar, faz seu próprio caminho milagrosamente sentado sobre um pano colocado sobre a água. Ele é impulsionado pelos ventos da fé. O epílogo da novela de Herzl foi: "Toda a atividade da humanidade foi certa vez um sonho e será novamente um sonho".

Isto pode parecer um sentimento estranho para o fundador de um movimento político. Afinal, Herzl era um estrategista político e diplomático dedicado à concretização da sua causa. Mas ele era um dramaturgo e jornalista, antes de assumir o embate pelo Sionismo. A literatura foi origem e centro da sua política. Ele estava, portanto, particularmente bem posicionado para prever o lugar crucial da ficção, não apenas como parte da vida de qualquer nação, mas como algo que seria escrito na própria tessitura do novo Estado judeu. Em seus Diários, Herzl foi implacável: para criar uma pátria judaica, ele falou em despachar a população árabe da fronteira. Der Judenstaat descreveu o projeto sionista como um baluarte da civilização europeia contra o barbarismo do Oriente. Mas Altneuland era uma fantasia utópica. Não haveria nenhuma propriedade da terra, nenhum controle dos espaços sagrados, todos os seres humanos, independentemente da fé ou da origem, teriam estatuto de igualdade em um mundo ideal. O árabe, Reshid Bey, congratula-se com os judeus, sem hesitação, como portadores de uma existência nova e próspera para todos os habitantes da Palestina. Mais de seis décadas após a criação de Israel, não poderia haver um maior fosso entre a realidade complexa de Israel hoje e o sonho de Herzl que, por meios diversos, enfim se concretizou. Todas as nações dependem de esquecimento ou erro histórico [e é por isso que, acrescenta ele, os progressos no conhecimento histórico podem ameaçar a identidade nacional]. Elas apoiam-se em histórias que têm que ser forjadas a partir de um passado distante, reelaboram a memória.

O Sionismo não começou como uma ideologia unitária e nem se desenvolveu como tal. Houve o Sionismo liberal de Theodor Herzl; o Sionismo cultural de Ahad Ha'am e Judá Magnes. O Sionismo socialista prevaleceu inicialmente no Estado, dominando a política israelense durante as primeiras três décadas da existência do

país. Nas décadas que se seguiram, o Sionismo revisionista assumiu este papel, fundido com o Sionismo messiânico que deu significado religioso à terra.

Shimon Halkin, que foi um dos grandes mestres da literatura hebraica da primeira metade do século passado, chamou a literatura hebraica, pelo seu importante papel de cuidar e transmitir a cultura e os feitos de Israel, de “espectador da Casa de Israel”, conforme o título de uma publicação hebraica do início do século 19, uma função que se baseou na tradição da profecia bíblica. Dan Miron, autor de inúmeras obras relativas a esta escrita, acrescenta que, devido ao estatuto especial da literatura hebraica, caracterizada pelo fato da literatura nacional ter antecedido o Estado Nacional, foi exigido dela descrever o tempo e o espaço israelenses, mas também servir simultaneamente como uma espécie de profeta, um pilar de fogo que vai à frente da nação, prever, observar e anteceder processos políticos e sociais que deverão ocorrer com Israel e seu povo.

E, realmente, se desde o início das imigrações modernas a Israel isto se tornara visível, a partir da geração literária da Palmach, do final da década de 1940, cada vez mais a literatura hebraica escreve o seu tempo e o seu lugar e se empenha de formas diversas e até uma certa medida em estar à frente dos seus leitores e lhes expor as suas sendas.

Cada uma das gerações literárias de Israel, anterior ou que se seguiu à independência do Estado, cumpriu e cumpre papel primordial forjando, compondo e recompondo a identidade nacional, próxima, distante ou alheia ao Sionismo moderno que deu origem à nação. O que foi denominado de “narrativa sionista moderna”, em que o coletivo e a construção da nação eram o foco central, que durante várias décadas foi considerada como o “supra-enredo” da literatura israelense e vigiu até o final da década de 1960, deixou de ter papel primordial, e seu lugar passou a ser ocupado por muitos enredos que cumprem de forma diversificada a função de representar todas as categorias de escrita ficcional. O que foi chamado de “narrativa sionista” nos anos posteriores à independência girou em torno de um eixo central que se ocupou da tensão não-solucionada entre um certo “eu” e as experiências de uma certa sociedade, nação e Estado. Os personagens das obras ficcionais de então tentaram fortalecer o seu “eu” fortemente pressionado e doutrinário do coletivo sionista oficial. O abandono da concepção central de “coletivo” foi considerado basicamente como uma revolta edipiana insolúvel em relação às gerações pré-Estado, pois os autores, assim como a população, tinham sua consciência dividida

entre a fidelidade e respeito aos valores da geração dos pais e eram sabedores de que esta fidelidade colocava em risco a sua existência como indivíduos. Amós Oz e A. B. Yehoshua, em suas obras iniciais, são os representantes de destaque desta mudança.

Para qualquer estudante de escrita literária, a própria estreiteza da narrativa sobre a história de Israel seria um sinal claro de que ela deve ser imperfeita. Ao longo das últimas duas ou três décadas, a versão da história israelense tem sido contestada pelos chamados “novos historiadores”, embora a luta pela narrativa nacional tivesse entretanto se intensificado. Em um mundo onde a luta pelo significado é sentida como tendo o poder de determinar os destinos dos povos, ela tem, na maioria das vezes, atuado como consciência da nação, rompendo a retórica do Estado. Novos textos e uma atenção maior a textos mais antigos ajudam a entender, no contexto literário, o Sionismo com seus acertos e erros.

Nos primeiros anos do Estado de Israel, o coletivo foi mais do que uma ideia, foi algo mais próximo a um imperativo nacional, devido à intensidade do compromisso social exigido da parte de cada um dos seus membros com o novo Estado. A ideologia dos pais fundadores da nação foi a de submersão do indivíduo. É fácil esquecer que Israel era uma sociedade de imigrantes, que tomou sobre si mesma, na década de 1950, a tarefa quase impossível de residentes absorverem imigrantes à taxa de um por um. A geração que chegou da Europa depois da Segunda Guerra Mundial foi uma geração sem avós ou pais, a maioria das quais tinham sido deixados para trás, muitos mortos na Shoá. Era, segundo pensamento da época, uma geração que foi perdida; a angústia de desenraizamento exerceu forte pressão na atividade de pertença nacional. A partir destas tensões, surgiram algumas das mais importantes obras da ficção israelense. A palavra de ordem era: “faça parte do grupo, ou morra”. O esforço pela criação do Estado, sua manutenção, a acolhida de imigrantes e sobreviventes, se sobrepunham ao indivíduo.

A ficção da geração da Palmach, cujo representante mais característico é Moshê Shamir, apresentou o etos sionista-coletivista e voltou-se ao público amplo a partir de um compromisso nacional. Os escritores daquela geração escreveram sobre uma nação fabricada, sem passado, sem história. Seu Sionismo era o Sionismo dos sabras, os nativos, autofabricados, para os quais israelidade era o substituto do judaísmo. A frase “Élik nasceu do mar”, que inicia o romance Bemô yadav [Com suas próprias mãos, 1951] de Shamir, é a essência do etos da geração,

tanto pelo que há na frase como pelo que não há; não há história nacional ou judaica, mas há uma ligação com território. “Nasceu do mar” quer dizer: nasceu aqui, nesta faixa litorânea, Israel. E a partir desta vinculação ao lugar, foi definida a sua identidade, o mar; um espaço puro, virginal, natural, extracultural, extra-histórico, extranacional, começado no ponto zero. Sem dúvida, foi uma literatura patriótica.

Feitos tão portentosos que levaram à criação do Estado não excluíram, todavia, a necessidade de rever os entraves para a sua concretização, por mais dolorosa que tal releitura se fizesse. Assim ocorreu com os próprios feitos da Guerra da Independência, a consecução política suprema do Sionismo. Ainda que a justificativa superior fosse garantir o território e sobrevivência de sua população, nem todas as batalhas, como em qualquer outra guerra de toda e qualquer nação, ficaram isentas de atos que foram em seguida execrados. Uma das obras antigas de autoria de S. Izhar continua a ser mencionada quando se trata de fazer uma avaliação dos eventos militares que se seguiram à guerra da independência em 1948-49. S. Yizhar (Yiz'har Smilansky) escreveu seu romance *Sipur Khirbat Khizah* [A história de Khirbat Khizah], que narra a desocupação de uma aldeia árabe em 1948, enquanto a guerra ainda estava em andamento.

Decano da literatura israelense, Yizhar foi um dedicado sionista; de 1949 a 1966 foi membro da Knésset, o parlamento israelense. Isso não o impediu de expor traços cruéis da guerra de 1948, a violência casual, a tragédia dos palestinos, e, em um momento crucial, a capacidade destes de manter a dignidade enquanto eram removidos de suas terras. Yizhar tinha feito muito mais do que mostrar o registro direto dos sentimentos; na verdade, ele questionou a ubiquidade de tais momentos na guerra. Ele investigou a relação da consciência do soldado israelense consigo mesmo.

Yizhar tem sido descrito como o forjador do fluxo de consciência coletiva como uma forma literária. Isso é bom, desde que percebamos a que exame agonizante e angustiante ele submete a própria ideia do coletivo no decorrer do processo, como ele fez em *A história de Khirbat Khizah*.

É este evento de conquista e destruição de uma aldeia palestina ficcional chamada Khirbat Khizah e a expulsão dos seus habitantes, que faz com que este texto não seja apenas uma fascinante obra de literatura, mas um documento fundamental na história de Israel ou, pelo menos, da memória coletiva israelense. A parte desta história, em que um soldado-narrador mostra o conflito na sua relação e

responsabilidade para com esta operação, permite que esta novela transcenda o seu status como um tipo de um documento histórico e se torne um potente tratamento da responsabilidade individual em face da injustiça da guerra. A ficção de Yizhar, de acordo com a literatura e até com a cultura de sua geração, muitas vezes deu expressão a uma sensibilidade de “primeira pessoa do plural”, conceito básico dos primeiros anos do Estado. Especialmente em seus trabalhos anteriores, o leitor encontra uma ilustração clara de como o Sionismo socialista dos anos 30 e 40, como uma ideologia abrangente, borrou os limites que normalmente separam a identidade do grupo como um todo a partir dos seus membros em particular.

Muitos anos depois, o registro cru da existência do país está presente em outros autores também. Segundo Amós Oz, há algo de Yizhar em cada escritor que veio depois dele.

Sentimentos mistos foram expressos ao longo das diversas guerras e batalhas travadas nos 65 anos de história do Estado de Israel. O triunfo de 1967, na Guerra dos Seis Dias, cumpriu de imediato os ideais de conduta, conquista e consagração, que sintetizaram o mundo em desenvolvimento para os jovens de então. Mas imediatamente houve vozes dissonantes. Como em diversas outras ocasiões, muitos escritores, embora não todos, ocuparam os primeiros lugares entre essas vozes, soando os avisos, temerosos do legado moral de conquista. Anos mais tarde, Shulamith Hareven, escritora pacifista, escreveu que essa sensação de vitória com certeza não fez nada para melhorar, de fato, uma das mais agudas tensões indubitavelmente exacerbadas na sociedade israelense: a tensão do indivíduo versus a sociedade.

Mais uma vez, a ficção ofereceu um retrato radicalmente diferente do que aparentava soar como a voz como que oficial. Ao instilar na consciência da nação a realidade da ocupação, seguida pelo choque da Guerra do Yom Kipur, de 1973, o pesadelo dos continuados ataques terroristas e pela primeira guerra do Líbano de 1982, tornou-se cada vez mais impossível para os escritores israelenses manterem a auto-idealização do seu Estado, cuja natureza precária, mítica, era esquadrihada na busca dos momentos fundadores de Israel, quando a sombra da guerra ainda não tinha atravessado totalmente o país. A isso deve-se acrescer, no âmbito político e ideológico, o surgimento do debate renovado sobre a definição dos alvos do Sionismo, e também grandes abalos sociais que trouxeram à arena da vida pública

forças bloqueadas e oprimidas até aquela época. As fendas da sociedade até então prevalente e aparentemente coesa foram sendo preenchidas pelos nichos políticos de direita e grandes núcleos de religiosos e judeus de origem oriental, os mizrachim, que até aquela época não tinham gozado de espaço de representação. O coletivo esfacelou-se e, na literatura, cuidou-se do indivíduo e suas particularidades. Ao mesmo tempo, já não interessava aos escritores continuarem a cumprir o papel de “magos da tribo”. Ainda que, obviamente, os traços principais da nação, seguindo os novos caminhos e linhas diversas sionistas, estivessem presentes de algum modo em grande parte dos contos e romances do final dos anos 60 em diante, estes já não se encontravam no centro das obras literárias.

Um dos exemplos mais conhecidos e bem elaborados é o romance Michael sheli [Meu Michel], de Amós Oz, obra que estabeleceu a reputação internacional de seu autor, concluído antes da guerra de 67 e publicado em 1968; ainda hoje ele é considerado por muitos como um dos livros mais prestigiosos de Oz. Escrito em tempo de quase guerra, ele lança as sementes da loucura da sua personagem central de volta à fundação do Estado que é quando se desenrola a sua ação. Hana, que conta a história, decai gradualmente em colapso mental, a sua vida interior é povoada por gêmeos árabes, Aziz e Khalil, companheiros de brincadeiras na infância, até que desapareceram de seu bairro Katamon, na periferia de um subúrbio de Jerusalém, em 1948. Na infância, ela tinha decidido dominá-los: via-se como uma princesa sendo eles seus guarda-costas, ela, uma conquistadora e eles, seus empregados, ela, uma exploradora e eles, os nativos que a carregavam. Oz, por isso, permite que a jovem aja a partir da realidade do poder colonial entre judeus e árabes, mesmo durante o período de Mandato Britânico, antes do nascimento de Israel.

Hana carrega o fardo da percepção. Os árabes são o retorno do oprimido. É claro que hoje é um consenso dizer que a fantasia sexual de um grupo ou nação dominante é preenchida pelo "outro" colonizado. Apesar de Oz não aceitar a opinião de que Israel é uma potência colonial, no entanto, em Meu Michel, ele trabalha esta concepção, por assim dizer, em certa medida. Quando Khalil e Aziz aparecem nas fantasias e sonhos de Hana, o torvelinho sexual perverso de suas brincadeiras perdidas da infância vem à tona, com seus olhos piscando com luxúria, a emoção de

calafrios de dor escalda as costas para as pontas dos dedos. Na sua fantasia final, eles explodem a cidade por ordem dela.

Nos anos finais da década de 70, ecoavam ainda os resultados das duas grandes guerras anteriores e o descenso acelerado do Sionismo de linha socialista e os sonhos nele englobados. Na literatura circulavam obras que tentavam vincular a imagem de um passado pioneiro puro, um Israel campestre, de modos e maneiras singelos das décadas de trinta e quarenta, e histórias de corrupção e derrocada do presente próximo, narradas em linguagem jornalística e quase sem encobrir as pessoas públicas que tinham servido de modelo, cujo comportamento pessoal foi apresentado como símbolo do fracasso da sociedade toda.

Em 1977, foram publicadas duas obras do maior significado neste sentido: Hameahev [O amante], de A. B. Yehoshua, e Zichron dvarim [Passado contínuo], de Yaacov Shabtai. Ambas apresentavam a vivência israelense como um tratado de luto e fracasso. A família descrita em O amante é rompida por fatores externos e o personagem principal, Adam, colabora com este processo por um impulso incontrolável de autodestruição. A referência central é a Guerra do Yom Kipur, de 1973, captada no romance não como um acontecimento histórico, mas como um sintoma de doença. Adam conduz para a frente de batalha Gabriel, um israelense deslocado da sociedade local, pois foi criado e vive na França, eventual amante que arrumou para a própria esposa. É forte na obra a questão da transmissão do legado sionista, incluindo as suas mazelas. Há, na obra, uma anciã que vegeta, Vedutsha, avó de Gabriel, representante da comunidade anterior à formação do Estado. De forma paradoxal, Vedutsha, que é ligada à terra, não tem a quem transferir o seu legado, pois o neto é totalmente alheio a esta concepção. Adam, membro da geração atual, emprega trabalhadores árabes e enriquece. Ássia, sua esposa, professora de história, que se pugna pelos princípios sionistas tradicionais e a concepção ética da nação, não consegue transmitir estes ensinamentos, nem à filha, Dafi, que não vê a solução sionista como sendo a única para o problema judaico.

Em Passado contínuo, de Shabtai, são descritos o fenecimento e derrocada da sociedade israelense como parte do terrível processo de esgarçamento e dissolução em que se revelam a essência da vida e seu principal caráter, pois é difícil aceitar o fato que o que foi uno e inteiro deteriora-se e se desfaz e se afasta e se perde para sempre, sem retorno.

As histórias de três personagens da Geração do Estado, pós-1948, contribuem de forma abundante para o perfil de famílias amplas, remontando a três gerações em uma experiência social total, membros da camada urbana do movimento trabalhista. A narrativa busca raízes no passado próximo, desde a chegada ao país dos antecessores nas décadas de 30 e 40, provenientes do leste europeu, e o resultado final é uma montagem de um retrato detalhado de Tel Aviv da década de 60. Estes elementos substituem a trama, que é praticamente inexistente.

“A vida,” diz um dos personagens de *Passado contínuo*, “é somente uma viagem em direção à morte ... e até mais do que isto – a morte é a essência da vida e ela se molda na vida paulatinamente até a sua concretização final”. No presente subjetivo destas duas obras, o passado surge como fragmentos de memórias obscuras, associações e sonhos. Um aguçado exame existencialista revela alguns modos de vida dominados por privações, entropia, azar, mas também uma mescla convincente de histórias do enorme panorama da sociedade israelense formado pelo grupo central do operariado e trabalhadores, do qual brotou o establishment dominante de Israel até 1977, e em que se encontra a base fundamental de apoio da sociedade. No decorrer do enredo, mescla-se uma análise da vida de auto-engano dos personagens principais com uma análise da derrocada humana e pública daquela camada social; o resultado espantosamente vigoroso obtido foi tudo que a literatura israelense procurou. Shabtai reexaminou as qualidades e fraquezas dos pais que arquitetaram o perfil da nação, que sacrificaram as suas famílias no seu fanatismo pela nova sociedade que procuraram estabelecer, entre socialismo e burguesia.

As mudanças de concepções políticas em Israel têm marcos bem nítidos, com datas e eventos claramente identificados. Assim ocorreu em 1977, com a reviravolta na condução do país, quando o Sionismo de linha trabalhista foi substituído pelo de linha revisionista que abriu espaço também para que duas camadas da população judaica passassem a se apresentar de forma mais constante na vida e pensamento nacionais: religiosos de diversos matizes e judeus provenientes de países árabes e seus descendentes. Muitas vezes estes dois fatores estavam consubstanciados nas mesmas pessoas.

Em *Kufsá shechorá* [A Caixa Preta, 1987], um romance epistolar, Amós Oz coloca em confronto personagens pertencentes às camadas da população que estavam então em destaque. Alexander Guideon, de família originária da Rússia,

divorciado da bela Ilana, agora casada com o judeu africano Michel Somo, é um sociólogo político, herói da guerra de 1973, que atingiu renome pela análise da mentalidade do fanatismo. Michel Somo é aquele que encarna o fanatismo, tentando tornar reais os seus sonhos de apoiar a tentativa de recuperar os locais sagrados aos judeus e trazê-los de volta às mãos judaicas. O romance informa que as pesquisas de Alexander Guideon foram qualificadas pela imprensa norte-americana como uma análise fria do fenômeno do fervor messiânico tanto em sua visão religiosa como secular. Dadas as circunstâncias do envolvimento de Guideon com a ex-esposa e o marido desta, por causa do filho rebelde do primeiro casamento, Guideon confronta-se por correspondência com Somo e acaba por lhe proporcionar ajuda para a realização dos seus intentos. O filho rebelde pode ser percebido como um símbolo possível do futuro de Israel.

Críticos consideram que a luta entre os personagens masculinos, Michel Somo e Alexander Guideon, por Ilana, indica, no plano alegórico nacional, a luta dos ashquenazitas, os judeus originários do leste europeu, contra os judeus orientais pelo domínio do país. Ilana e Alexander buscam saber os motivos do fracasso do seu casamento. Os processos psicológicos que perturbam os personagens são análogos aos processos políticos do país na década de 70. Ilana é a mulher desejada da qual Guideon foge. Ela é Israel. Há um pacto do qual ele foge, como foge do país.

Quando e como Israel nasceu na verdade? Apesar do apelo fundamental de Israel à história judaica, o quanto ele sabe, o quanto ele pode querer saber sobre o passado?

O romance memorável de David Grossman, *Ayen erech: ahavá* [Ver: Amor, 1989], oferece uma das respostas mais poderosas para essas questões, sugerindo que o trauma fundador da nação passou invisivelmente para a consciência da nação como um fantasma assombrando seus sonhos. A Shoá, que tornou a necessidade de uma pátria judaica irrefutável, não podia ser contada. Foi preciso uma criança, Momik, o jovem no centro do romance, para descobrir a história, fazer a viagem imaginária de volta para os campos de concentração e trazer a história de volta à vida no papel.

Diversos motivos extraliterários influíram para que a literatura hebraica se ocupasse com a história do Sionismo. Seguindo a perda de fé na justeza do caminho do Sionismo, perturbado pelas guerras, atentados e envolvimento com palestinos,

muitos autores se voltaram a uma auto-observação particular e até à tentativa de consolidação da legitimidade da existência israelense com base na história pessoal, não com base na ideologia coletiva que foi abalada/contestada. Internamente a literatura passou por um período de produção de menor destaque na década de 90, sem encontrar um rumo que a mantivesse na posição de evidência que vivera em décadas anteriores. Na busca de novos caminhos, alguns autores voltaram-se para uma escrita autobiográfica e até a uma escrita da história sionista, o que foi algo inevitável.

Como Israel é um país de imigrantes e as autobiografias tratam, na maioria dos casos, também das experiências de imigração familiar para Israel, seus motivos e significado, é óbvio que isto é central nesta categoria de obras. Estas características principais da literatura israelense dos últimos anos se encontram todas em *Sipur ahavá vehoshech* [De amor e trevas, 2002] de Amós Oz. É um romance autobiográfico que é simultaneamente um romance de formação para a literatura, uma espécie de perfil do escritor quando jovem, e também um romance histórico que é um documento de defesa sofisticado e refinado a favor do Sionismo.

A história que se encontra por trás de *De amor e trevas* é a história da tremenda perplexidade que o originou. Ela tem caráter nacional-ideológico ao expor a dúvida sobre a justeza do Sionismo. Esta perplexidade nacional-ideológica levou o escritor à escrita autobiográfica: uma tentativa de explicar para si próprio e para os seus leitores o Sionismo a partir da experiência de sua vida e a vida de sua família, uma tentativa cuja explicação é a apresentação do Sionismo como uma solução existencial, resultado de uma necessidade histórica que pessoas preocupadas e perseguidas encontraram e não como um projeto colonialista de conquistadores.

A família de Oz, então Klausner, ante a impossibilidade de sobreviver no leste europeu, não havia escolhido o país como seu refúgio. Mas foi ali que aportaram seus pais, tios e avós. O país lhes era estranho assim como eles foram estranhos ao país pela linha política revisionista que os conduzia, o que significa dizer que pertenciam a uma certa periferia que o adolescente Oz decidiu abandonar pouco depois de se tornar órfão de mãe. Ao se passar para o kibutz, associou-se ao centro da vida política e social, que hoje não existe mais. Ao escrever esta obra, Oz trabalhou a reintrodução do relato sionista. A força do livro encontra-se, dentre outras coisas, na utilização que ele faz da legitimidade que a concepção multicultural

confere à narrativa periférica para fortalecer justamente a narrativa central [ou que foi central no passado]. Movimentos nacionais necessitam de uma literatura que conte a sua história. Oz, como um dos grandes narradores do Sionismo, conseguiu manipular a linha tênue entre entusiasmo e sentimento de pertença ao país e a posição do exilado eterno que olha criticamente a partir do lado de fora.

É sabido que o relato sionista tinha perdido legitimidade numa rapidez vertiginosa e tinha sido escorraçado por diversos ângulos, dos novos historiadores aos pesquisadores da cultura, sociologia e literatura, e por forças políticas extraparlamentares de esquerda e de direita. A ligação de pós-modernismo com o pós-Sionismo e com o encantamento do multiculturalismo causaram um prejuízo considerável, uma vez que contestaram e desmontaram o relato nacional.

Da destruição da narrativa nacional surgiu inicialmente a voz dos marginalizados do país: orientais, mulheres, árabes, religiosos dentre outros. Acima destas ouviu-se a voz dos colonos, propensos a redigir de novo a história sionista de acordo com a versão neo-messiânica. Neste contexto em que discursos diversos foram colocados de lado é que se percebe a urgência de trazer de volta a legitimidade da narrativa nacional. A idade, posição, seu chamado pela realidade e o temor verdadeiro que tomou conta de Oz diante do uso da fragmentação da memória, levaram-no com renovadas forças a cumprir a missão que se fazia necessária pela sua própria localização como uma nítida elite: propagação de uma folha de memória pessoal e pública, detalhada e ampla. Assim, De amor e trevas liberou o Sionismo da posição de marginalizado e o impulsionou a uma nova exposição fortalecida, com o dom de instigar um repensar do movimento nacional.

De caráter totalmente diferente, ao longo das centenas páginas de Ishá borachat mibessorá [A mulher foge, 2008], de David Grossman, a literatura israelense, de forma diversa da de Oz, mais uma vez voltou a encontrar a sua voz maior, autoritária, a voz quente e interior desprezada em anos anteriores, na ditadura da cultura comercial. Grossman quer penetrar os mistérios da psique israelense em conflito, através da armadura de auto-alienação com que esta se envolveu, da fábrica de cultura que a alma israelense devora com apetite. A sensação de urgência que pulsa no romance - pessimismo do temor sobre o futuro de Israel, Israel que é atingido e avança em ziguezagues históricos de guerra a guerra, obstáculo e fracasso, morte e causar morte - dá ao romance um caráter de resumo.

O título é bastante explícito da situação que atinge a muitos; se não há como

escapar dos acontecimentos, dos embates militares ou atentados mais ou menos frequentes, talvez seja possível evitar saber deles ausentando-se para não receber notícias fúnebres.

Ora, mulher na faixa dos cinquenta anos, separada, é uma mãe de dois filhos, que combinou viajar com o mais novo deles pela Galileia quando ele desse baixa do exército. Ao invés, ela o conduz a um posto do exército estabelecido devido aos atentados, durante o período da segunda Intifada, de onde ele sairá para uma última missão. O grande medo de Ora é receber uma má notícia sobre o filho; soma-se a dor de ter sido ela própria aquela que o conduziu para a missão; ela não se conforma de ter obedecido a tudo, a eles, àqueles que o enviaram para lá. Mas, pior do que tudo, não culpa só a si própria pelo pecado de ter levado o filho ao ponto de encontro da unidade para partir para a ação militar. Seu pensamento expressa uma angústia coletiva: como é que ela obedece assim a tudo isto, a eles, àqueles que o enviam para lá? É óbvio que não há como escapar das imposições da situação nacional. Assim, Ora decide fugir de casa e fazer uma viagem com Avram, amor e companheiro da juventude e, por acaso, o verdadeiro pai deste filho; na longa viagem ela fala e conta sem cessar sobre este filho, com a sensação de que desta forma o ajudará de alguma maneira a sobreviver aos combates.

Deve-se notar que o luto, colocado no âmago deste romance, não é a experiência básica israelense, como o romance pretende reivindicar. Enormes forças liberais e anti-humanísticas, econômicas, e ideológicas são a vivência básica do país, mas não são abordadas por Grossman. A mulher foge é um romance cuja intenção implícita é um tratamento abrangente da israelidade, ao menos de uma parte vital dela, a qual subjaz o Sionismo atual.

Grossman, como sempre, demonstrou uma genial sensibilidade superior aqui para com as minúsculas vibrações da alma, para com o âmago da existência de Israel. Grossman fez uma tentativa de dizer tudo à sua moda. Escrever é uma possibilidade de estabelecer uma ordem coerente na realidade, dar-lhe um significado e um propósito para não permitir que o caos e a catástrofe se sobreponham. O modo de dominar a realidade é narrá-la. O que se lê na literatura hebraica dos últimos sessenta e poucos anos, tanto serve para falar da glória e heroísmo dos que tombaram na criação e manutenção do Estado de Israel, como para que se reflita sobre o que subjaz a israelidade contemporânea, em particular

sobre os tabus que fazem a nação hebraica estremecer: suas lutas e guerras, exército, a própria existência e sobrevivência do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSMAN, David. *Ayen erech: ahavá* Tel Aviv, Hakibuts hameuchad, 1989. [Edição brasileira: *Ver: Amor*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2007].

GROSSMAN, David. *Ishá borachat mibessorá*. Jerusalém, Hassifriyá hachadashá, 2008. [Edição brasileira: *A mulher foge*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2009].

HERZL, Theodor. *O estado judeu*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

HERZL, Theodor. *Altneuland*. [Nova e velha pátria]. Schocken, 1989.

HERZL, Theodor. *The complete Diaries of Theodor Herzl*. Nova York: Herzl Press & Thomas Yoseloff, 1960.

OZ, Amós. *Michael sheli*. Jerusalém, Keter, 1968. [Edição brasileira: *Meu Michel*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2002.]

OZ, Amós. *Kufsá shechorá*. Tel Aviv, Am Oved, 1986 [Edição brasileira: *A caixa preta*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2007].

OZ, Amós. *Sipur ahavá vehoshech*. Jerusalém, Keter, 2002. [Edição brasileira: *De amor e trevas*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SHABTAI, Yaacov. *Zichron dvarim*. Tel Aviv, Siman kriyá – Hakibuts hameuchad, 1977. [Edição brasileira: *Passado contínuo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996].

SHAMIR, Moshé. *Bemô yadav - Pirkê Élik* [Com suas próprias mãos – capítulos de Élik] Tel Aviv: Am oved, 1951.

YEHOSHUA, A. B.. Hameahev. Jerusalém, Schoken, 1977. [Edição brasileira: O amante. S. Paulo: Summus, 1977].

YIZHAR, S. (Yiz'har Smilansky). Sipur Khirbat Khizah [A história de Khirbat Khizah]. Merhávia, Sifriyat Poalim, 1949.